

MUSEU

MANUEL

CARGALEIRO



CASTELO BRANCO
PORTUGAL

Apresentação

Museu Cargaleiro em Castelo Branco

Ver e conhecer uma obra única



02
Apresentação

03
Castelo Branco

04+05
Manuel Cargaleiro

06+07
O Museu

08
Visita guiada

09+15
As edições

"Colecção da Fundação Cargaleiro"
"Vila e Obra"
"Colecção Róbalhas"

16
A nova marca da Cidade

© Edição da Câmara Municipal de Castelo Branco
Excerto do jornal Expresso de 26 de Maio de 2012.

JOAQUIM MORÃO

Presidente da Câmara Municipal
de Castelo Branco

A instalação do Museu Cargaleiro em Castelo Branco representa uma aposta forte na divulgação de um nome prestigiado das artes portuguesas e na dinamização do sector cultural e turístico na Cidade e na Região. Conhecido e reconhecido no nosso País e além fronteiras, o Mestre Manuel Cargaleiro tem um percurso ímpar no mundo das artes plásticas, razão (também) pela qual visitar o Museu é a oportunidade de ver e conhecer uma obra única.

Com uma produção vasta e diversificada – pintura, cerâmica, azulejaria, tapeçaria, para referir apenas algumas das áreas mais representativas da sua obra – Manuel Cargaleiro é também um coleccionador incontornável no panorama nacional.

Estas circunstâncias - de artista plástico e coleccionador – aliadas à sua generosidade levaram-no a criar a Fundação Manuel Cargaleiro, uma instituição com a qual pretendeu garantir o acesso e fruição por parte do público às obras que criou e coleccionou ao longo de uma vida.

É da parceria entre a Fundação Manuel Cargaleiro e a Câmara Municipal de Castelo Branco que nasceu o Museu Cargaleiro, constituído por dois edifícios – um palacete do séc. XVIII e um edifício contemporâneo – que funcionam de forma única, integrada e complementar.

O trabalho e o investimento que a Câmara Municipal de Castelo Branco já realizou não deixam - nem poderiam deixar – quaisquer dúvidas sobre a capacidade e empenhamento da Autarquia em cumprir os compromissos publicamente assumidos com a Fundação Manuel Cargaleiro e que resultam da vontade reiteradamente manifestada pelo seu instituidor e Presidente vitalício, Mestre Manuel Cargaleiro: garantir a unidade, o estudo, a conservação e a divulgação da Colecção de Arte da Fundação Manuel Cargaleiro, que representa o trabalho e o sonho de toda a vida do homem e do artista.

A este propósito, permito-me uma adaptação livre de uma citação famosa:

Manuel Cargaleiro sonhou
A Câmara Municipal de Castelo Branco quis
A obra nasceu

Ao fim de mais de 20 anos de existência da Fundação Manuel Cargaleiro, a Câmara Municipal de Castelo Branco deu corpo aquele que havia sido o objectivo central que presidiu à criação da Fundação: A criação de um museu onde pudesse ser exibida e estudada a Colecção de Arte.

CÂMARA MUNICIPAL
**CASTELO
BRANCO**

mais
CENTRO

Programa Operacional Regional do Centro

QR
EN
QUADRO
DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
2014-2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional

Castelo Branco

Da cidade histórica à cidade do futuro

É uma história antiga, a da cidade de Castelo Branco. Ninguém arrisca a falar de uma história certa, porque são lendas, e versões de lendas, que contam o nascimento desta cidade.

Sabe-se que já tinha gente desde o Paleolítico – de ciência certa e comprovada – por escavações arqueológicas na zona do castelo, realizadas em 2008, reveladoras de artefactos pré-históricos.

Já depois da Reconquista, em 1165, D. Afonso Henriques, doou à Ordem do Templo toda a região da Beira para que fosse povoada e defendida dos ataques dos infiéis. Uma doação que o seu filho, D. Sancho I, reconfirmou em 1198. Um século depois, uma herdade designada de Vila Franca da Cardoso, foi doada aos Templários pelo nobre D. Fernando Sanches que, cauteloso, reservava para si metade da vila, com seu usufruto até à morte. Terá sido por isso que, em 1214, D. Afonso II, que entretanto tinha comprado estas terras para a Coroa, tenha doado esta parte da herdade aos Templários, que ficaram assim, senhores de toda a propriedade que alcançava, entre outras, as terras de Castelo Branco. É o Papa Inocêncio III quem confirma a doação régia, afirmando que os Templários tinham fundado, na fronteira dos mouros, uma vila e fortaleza, no sítio da Cardoso, a que deram o nome de Castelo Branco. Na primeira metade do século XIII, a vila de Castelo Branco recebe o seu primeiro foral pelo Mestre da Ordem do Templo, D. Pedro Alvito, o que conferiu alguma importância à vila.

Mas, com a extinção dos Templários e a passagem dos seus bens para a Ordem de Cristo, Castelo Branco passa a representar a Ordem de Cristo e a ser local de residência de comendadores.

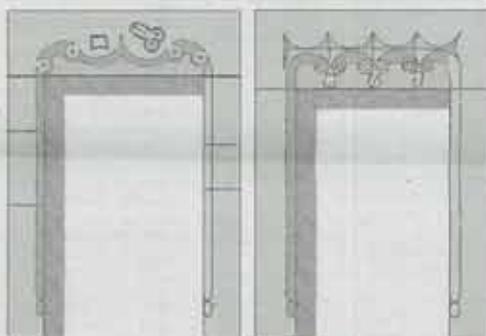
Uma terra pouco generosa apesar dos espaços agrícolas abundantes, mas sem braços para a trabalhar, uma vez que a autoridade dos Templários não era propícia à fixação de homens livres. Sem nunca se perceber a razão, os Templários dizimaram os homens do concelho da Covilhã, tendo sido severamente punidos pelo Rei.

No último quartel do século XIII, D. Dinis visita a vila e constata uma cidade intramuros. O alargamento e desenvolvimento da cidade são concretizados por Afonso IV e, mais tarde, reconhecidos por D. Manuel I que lhe concede novo foral, em 1510. No reinado de D. João III, Castelo Branco passa a Vila Notável, época em que regista um grande aumento populacional justificado pelos judeus sefarditas que se refugiaram por estas terras fugidos dos Reis Católicos. E foram eles que deram um dinamismo comercial à cidade que continuou, mesmo depois da expulsão dos judeus no final do século XV em Portugal. É na primeira metade do século XVI que nascem a Misericórdia, os Conventos dos frades Agostinhos e dos Capuchos e a Igreja de São Miguel, a actual Sé. Ainda hoje se vê a presença judaica.



Em cima
Colcha de Castelo Branco (pormenor)

Em baixo
Desenho de Portado Quinhentista



Cidade há 241 anos
56 109 habitantes
1 438,16 km²

Castelo Branco é cidade de grande importância geoestratégica e política. Não cresceu a partir do têxtil, o que lhe proporcionou uma população diferente do operariado qualificado das redondezas. Nas últimas décadas, o maior crescimento esteve ligado ao sector industrial, ao comércio e serviços, em detrimento do agrícola. Mas foi sobretudo nos serviços que a cidade se desenvolveu: turismo, apoio a empresas e comércio. A requalificação da zona histórica, onde "a qualidade funcionará como um pólo importante de atracção turística", como afirmou o Presidente da Câmara Joaquim Morão, o lançamento do concurso para uma rua que funcionará como incubadora para pequenos negócios, na zona antiga e, para o ano, já estarão disponíveis os 3500m² do Centro de Empresas Inovadoras, para empresas de base tecnológica, constituem passos de mais desenvolvimento e qualidade no investimento. O crescimento sustentado da cidade, a par de um conjunto variado de equipamentos culturais, faz de Castelo Branco uma cidade com futuro. Não será por acaso que, recentemente, um estudo da DECO a considerou como a segunda capital de distrito com mais qualidade de vida no país.

A ver
Além do Museu Cargaleiro estes são alguns exemplos de um rico património que pode ser visitado todo o ano em Castelo Branco.

Jardim do Paço Episcopal
O Jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco é um dos mais originais exemplares do barroco em Portugal. Foi o Bispo da Guarda, D. João de Mendonça (1713-1736) que encomendou e provavelmente orientou as obras do jardim.

Largo e Cruzeiro São João
Avista-se deste largo um magnífico cruzeiro de estilo manuelino, que constitui um belo exemplar de trabalho no granito da região.

Castelo
Apesar de existirem vestígios datáveis da Pré e da Proto-História encontrados no Castelo de Castelo Branco, foi durante a Idade Média que se terá fundado a fortaleza templária. Edificada pelos Templários, provavelmente entre 1214 e 1230, fechava um cerco de muralhas e torres.

Igreja de São Miguel / Sé Concatedral
A Igreja de São Miguel, Sé Concatedral desde 1956, foi reedificada no século XVII, segundo o estilo renascentista. São visíveis os elementos das diferentes fases de construção: arco cruzeiro do século XVI, retábulos e painéis do século XVII e capela-mor e sacristia dos séculos XVIII-XIX.

Casa do Arco do Bispo
A casa já existe desde os meados do séc. XIII e está situada na Praça Velha ou Praça de Camões. Trata-se de um edifício arquitectónico, por se tratar dum edifício com grandes arcos de volta perfeita, assentes em pilastras facetadas. Foi a primeira residência temporária dos bispos da Guarda, nesta cidade. Até 1771, data da elevação à cidade, e consequentemente, à sede de Bispoado, a notável vila de Castelo Branco pertenceu à Diocese Egávena.

Capela da Senhora da Piedade
Ignora-se a data de fundação do Templo de Nossa Senhora da Piedade outrora designada por S. Gregório. O interesse principal da visita centra-se no conjunto de azulejos que foram as paredes da pequena nave, oferecidos, em 1739, pelos familiares do Dr. Francisco Rafeiro. Os azulejos, azuis de estilo joanino, representam a Adoração dos Reis Magos, a Última Ceia, os Mistérios da Virgem e imagens dos Apóstolos.

Domus Municipalis
Na Praça Velha, que é o centro do burgo medieval, encontra-se a antiga Domus Municipalis, obra dos princípios do séc. XVI, alvo de várias reconstruções.

Museu Tavares Proença Júnior
Fundado em 1910 por Francisco Tavares Proença Júnior (Arqueólogo - 1885-1916), personalidade de múltiplos interesses no mundo da ciência e das artes, cujo núcleo original acolheu a sua colecção sendo depois enriquecido com diversos espólios arqueológicos e diversas obras de arte contemporânea. O Museu foi inicialmente instalado no Convento dos Capuchos de Castelo Branco. Em 1971 para o edifício do antigo Paço Episcopal adaptado para o efeito pela DGEMN. O Museu dispõe de uma Oficina-escola de bordados regionais, integrada no percurso da visita onde poderá ver a manufatura de colchas e painéis bordados a seda sobre linho caseiro, a partir de desenhos tradicionais por encomenda. Tel: 61 830 990 | 14000 ou 22500 e fax: 14000 ou 17000

Palácio dos Viscondes de Portalegre
No extremo da antiga Devesa, ergue-se o Solar dos Viscondes de Portalegre desde 1743 (propriedade da família Coutinho Refoios). É um edifício de marcas acentuadamente renascentistas. Foi desde finais do século XIX sede do Governo Civil do Distrito de Castelo Branco. No seu interior, além de um quadro a óleo de um dos proprietários, deve visitar-se a sala da música.

Solar dos Viscondes de Oitros Câmara Municipal
Na actual Praça do Município há um antigo solar que foi propriedade da família dos Fonseca Albuquerque Mesquita e Castros à qual pertenceram os Viscondes de Oitros. O edifício foi comprado, pela Câmara Municipal ao Dr. Francisco Rebelo de Albuquerque, por escritura celebrada em 18 de Outubro de 1935. Após a execução de obras de adaptação, a Câmara Municipal deslocou a sua sede do Largo da Sé para este solar, onde realizou a sua primeira sessão em 5 de Dezembro do mesmo ano da compra.

Depois de mais de cinquenta anos de vida e obra realizada em Paris posso dizer de Manuel Cargaleiro: "Nasceu como pintor em Paris".

De facto ele pertence à "Escola de Paris".

Albert Loeb Paris | 2012

Manuel Cargaleiro

As muitas obras de uma vida



O Manuel Cargaleiro é a pessoa mais incapaz de maldade que conheço. Os seus olhos estão focados para o que há de bom nos outros e na vida.

A sua visão do mundo é luminosa.

A perversidade pode passar ao lado, engalanada; as suas cores não estão naquela paleta rigorosa. Por isso, cada obra que lhe sai das mãos é para sempre imune ao embaciamento, ou à fractura.

Tem a preciosidade e a presença de uma jóia, de um esmalte antiquíssimo ou de uma matéria de súbito inventada.

Como uma jóia irradia luz, de dentro. A sabedoria técnica, a inteligência e experiência que a obra revela são parte de um gesto que continua irreprimitivo, um gesto de Alegria Original.

Estou convicto de que daqui a muitos anos, quando já não o pudermos aotar, muita coisa hoje celebrada estará coberta de pó, irrelevante ou materialmente destruída pelo tempo.

Não uma obra do Manuel Cargaleiro.

Álvaro Siza Vieira Porto | 1997



Em baixo
Manuel Cargaleiro (à direita),
com 5 anos, com os pais e o irmão
na Avenida da Liberdade,
Lisboa 1932

À esquerda
Junto ao Partenão, em Atenas,
nos anos 60

À direita
Na Beira Baixa nos anos 70

1927

Nasce a 16 de Março, em Chão das Servas, Vila Velha de Ródão, Portugal. Um ano depois a família fixa-se no Monte da Caparica.

1939

Inicia os estudos no Instituto Secundário de Lisboa.

1945

Experimenta a modelação de barro, na olaria de José Trindade, no Monte da Caparica.

1946

Ingressa na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, no curso de Geografia e Ciências Naturais, que mais tarde abandona, para se dedicar exclusivamente às Artes Plásticas, como ceramista na Fábrica Sant'ana, em Lisboa.

1949

Participa no 1.º Salão de Cerâmica organizado por António Ferro, no SNI, em Lisboa.

1954

Recebe o Prémio Sebastião de Almeida atribuído pelo SNI.

Lecciona cerâmica na Escola das Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa.

Participa na primeira exposição de Arte Abstracta, na Galeria de Março, em Lisboa.

Conhece Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Székely.

Visita Paris, pela primeira vez.

Conhece Roger Bissière.

1955

Recebe o "Diplôme d'Honneur de l'Académie Internationale de la Céramique", no Festival de Cerâmica, em Cannes.

Dirige os trabalhos de passagem para cerâmica das estações da Via Sacra do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, da autoria de Lino António.

1956

Recebe o primeiro Prémio do concurso para o revestimento em cerâmica dos edifícios da Cidade Universitária de Lisboa (projecto não realizado). Realiza os painéis de cerâmica para o Jardim Municipal de Almada e o painel de azulejos para a fachada da igreja de Moscavide.

1957

Recebe uma bolsa do Governo Italiano, por intermédio do Instituto de Alta Cultura, permitindo-lhe visitar Itália e estudar a arte da cerâmica em Faenza, Roma e Florença.

Expõe cerâmica na Galeria Alvarez, no Porto.

Fixa residência em Paris.

Conhece Camille Bryen.

1958

Recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para um estágio de Faïencerie de Gien, com Roger Bernard.

Participa na Exposição Internacional de Cerâmica no Museu Internacional de Cerâmica de Faenza. Participa na organização da III Exposição de Artes Plásticas de Almada.

Oferece peças de cerâmica popular; dois painéis e um vaso de sua autoria para a reconstrução da secção portuguesa do Museu Internacional de Faenza, muito danificado durante a II Guerra. Com Lourdes de Castro e René Berthoia aluga um apartamento na Rue du Vieux Colombier, em Paris.

1959

É vereador da Câmara Municipal de Almada para o triénio de 1960-63.

Adquire um atelier na Rue des Grands-Augustins, 19, em Paris, onde passa a residir.

Estabelece amizade com Natalie Gontcharova e Michel Larionov.

Participa na exposição colectiva de cerâmica e gouache, com Camille Bryen, Jean Arp e Max Ernst na Galeria Edouard Loeb, em Paris.

Participa na exposição de Cerâmica Contemporânea no Museu de Ostende, Bélgica.

Expõe Cerâmica na Galeria Diário de Notícias, em Lisboa.

1960

Participa na exposição da Academia Internacional de Cerâmica, no Museu Ariana, em Genebra.

1962

Expõe gouaches na Galeria Suzanne Bollag, em Zurique.

1963

Expõe, pela primeira vez, em Paris na Galeria Valérie Schmidt.

1964

Expõe na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro, a convite do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

Realiza outras exposições individuais em Porto Alegre, Brasília e São Paulo.

Organiza, na Galeria Gravura, em Lisboa, a exposição "12 Artistas de Paris: Gravuras da Coleção Manuel Cargaleiro".

Ilustra o livro "Passage du Silence" de Bernard Mazo.

1965

Expõe na Galeria Arco-Íris, em Tóquio.

1966

Expõe na Galeria Árvore, no Porto.

1967

Expõe na Galeria Moderner Kunst, em Rheinhäusen, Alemanha.

1968

Expõe na Galeria Luna 2, em Turim; na Galeria du Manoir, em La Chau-de-Fond; na Galeria Alvarez, no Porto; na Galeria Dinastia, em Lisboa e na Galeria Convívio, em Guimarães.

1969

Expõe em Luanda, em Lourenço Marques (Maputo) e na Beira, ilustra a colectânea de poemas "Microcosmies" de Armand Guibert.

1970

Expõe pintura no Centro Cultural Português na Fundação Calouste Gulbenkian; gouaches na Galeria Beno d'Inceili, ambas em Paris; no Atelier 22, Bourg-en-Bresse, em França e cerâmica na Galeria de São Mamede, em Lisboa.

1971

Executa um painel cerâmico para o Liceu de Sauges, em Haute-Loire, por encomenda do Ministério francês da Cultura.

Expõe na Altadia de Royaumont, em França e na Câmara Municipal do Seixal.

Ilustra a colectânea de poemas "Australes" de Armand Guibert.

1972

Executa o painel cerâmico para o Centre Scolaire d'Antibes, por encomenda do Ministério francês da Cultura. Retrospectiva da obra gravada na Galeria S. Francisco, em Lisboa.

Expõe pintura na Galeria Alvarez, no Porto e gouaches no Centro Cultural português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris.

Conhece Sónia Delaunay.

1973

Expõe pintura e cerâmica na Galeria de São Mamede, em Lisboa; e pintura na Galeria Albert Loeb, em Paris.

Executa painéis cerâmicos para o Centre Scolaire de Limoges, por encomenda do Ministério francês da Cultura.

É editada a colectânea de poemas "Manuel Cargaleiro" de Alberto Lacerda.

1974

Edição de uma medalha da autoria do escultor Lagoa Henriques para a comemoração do 25.º aniversário da actividade artística de Manuel Cargaleiro.

É homenageado com Eugénio de Andrade e José Cardoso Pires: "Três artistas da Beira Baixa", uma iniciativa do jornal do Fundão.

Faz parte do júri do VIII Salão de Arte Infantil: Para o Desenvolvimento de uma "Imaginação Criadora", promovido pelo Estoril-Sol.

1975

Expõe gouaches na Galeria Dédale, em Genebra.

1976

Expõe na Galeria La Nuova Sfera, em Milão, e na Galeria Crearco em Lausanne.

Ilustra o livro "A Água e o Vento" de Victor Ferreira.

1977

Expõe na Galeria Jacob, em Paris, e na Galeria São Mamede em Lisboa.

1978

Expõe na Fundação Cultural do Distrito Federal, em Brasília e na Galeria Zen, no Porto.

Edita "Manuel Cargaleiro, Obra-Gravada, 1957-1978", com introdução de Vergílio Ferreira.

1979

Serigrafia "Na Noite e no Silêncio" com o poema "Ladainha dos póstumos Natais" de David Mourão-Ferreira, na Galeria São Mamede, em Lisboa.

1980

Expõe, na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, organizada pela Acta Médica Portuguesa; no Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris; na Maison de la Culture André Mairaux, em Reims e na Casa-Museu Nogueira da Silva, em Braga.

Expõe óleos e gouaches na Galeria de arte da Câmara Municipal de Portalegre; na Galerie Jacob, em Paris e no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco.

Expõe tapeçarias manufacturadas na Galeria de Arte do Casino Estoril.

Executa o cartão para a tapeçaria de 10m² para o novo Edifício da Sede da OTI (Organização Internacional do Trabalho), em Genebra, por encomenda do Governo português.

Serigrafia "Homenagem a Röntgen", por ocasião da Reunião Científica comemorativa da Inauguração da Sociedade Portuguesa de Radiologia e Medicina Nuclear.

1981

Expõe óleos e gouaches na Galeria 77, em Caracas; e mostra "10 Óleos e 10 Gouaches" na Galeria São Mamede, em Lisboa.

Participa na exposição colectiva "Peintres de l'École de Paris", Galeria Redeç Plaza, em Jeddah, Arábia Saudita.

Ilustra o poema "Fabeltier" de Edouard Roditi.

1982

É agraciado, no Dia de Portugal, com a Ordem da Cruz de Santiago e Espada, pelo Presidente da República, General Ramalho Eanes.

Era uma vez um pintor que tinha um aquário e, dentro do aquário, um peixe encarnado.

Vivia o peixe tranquilamente acompanhado pela sua cor encarnada, quando a certa altura começou a tornar-se negro a partir – digamos – de dentro.

Era um nó negro por detrás da cor vermelha e que, insidioso, se desenvolvia para fora, alastrando-se e tomando conta de todo o peixe.

Por fora do aquário, o pintor assistia surpreendido à chegada do novo peixe. O problema do artista era este: obrigado e interromper o quadro que pintava e onde estava a parecer o vermelho do seu peixe, não sabia agora o que fazer do cor preto que o peixe lhe ensinava.

Assim os elementos do problema constituíam-se na própria observação dos factos e punham-se por uma ordem, a saber:

1ª. - o peixe, cor vermelha, pintor, em que a cor vermelha era o nexo estabelecido entre o peixe e o quadro, através do pintor;

2ª. - o peixe, cor preta, pintor, em que a cor preta formava a insídia do real e abria um abismo na primitiva fidelidade do pintor.

Ao meditar acerca das razões por que o peixe mudara de cor precisamente na hora em que o pintor assentava na sua fidelidade, ele pensou que, lá dentro do aquário, o peixe, realizando o seu número de prestidigitação, pretendia fazer notar que existe apenas uma lei que abrange tanto o mundo das coisas como o da imaginação. Essa lei seria a metamorfose. Compreendida a nova espécie de fidelidade, o artista pintou na sua tela um peixe amarelo.

Por isso é que Cargaleiro é exemplar e fascinante.

Herberto Hélder | Dinastia, Galeria de Arte Lisboa | 1968

Expõe na Feira Internacional de Arte Contemporânea (FIAC 82) e na Galeria das Embaixadas, ambas em Paris. Expõe azulejos na Galeria São Mamede, em Lisboa.

Integra a coleção de serigrafias e gravuras coeditadas pelo Unibanco e Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Ilustra os álbuns de poemas "Être un Autre" de Edouard Roditi; "Como Alguém Disse" de Luís Miguel Nave; e "Interior à Luz" de António Salvado.

1983

Expõe na Galeria Troisième Oeil, em Bordéus; na Galeria des Ambassades, em Paris e expõe gravura na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova em Lisboa.

Realiza os azulejos para a fachada do Institut Franco-Portugais, em Lisboa.

É editado o livro "Connaitre la peinture de Cargaleiro", de Jacques Dopagne, Paris.

Ilustra o livro "Adão, Eva e o Mal" de António Osório, cuja edição original é acompanhada de uma serigrafia intitulada "Le Temps n'Étrangle que Celui qui n'Aime Pas".

Integra o júri do IV Salão de Outono do Casino Estoril e do Concurso Universitário de Fotografia da Universidade Livre.

Participa no "Encontro Português no Mundo – Uma Cultura a Preservar", no Porto.

1984

É agraciado com o grau de "Officier des Arts et des Lettres" pelo Governo francês.

É galardoado com o "Trophée Lusitana", atribuído anualmente pelo Elos Clube, às individualidades que se distinguiram na divulgação de Portugal no estrangeiro.

Oferece 40 gravuras ao Museu Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, destinadas à realização de exposições itinerantes.

Retrospectiva na inauguração do Centro Municipal de Cultura de Vila Velha de Ródão.

Apresenta o álbum "Manuel Cargaleiro – 30 Anos de Pintura", na Galeria de Arte do Casino Estoril. Expõe óleos e gouaches na Galarte – Galeria d'Art Contemporain, Paris.

1985

Retrospectiva "Obra Gravada" na Câmara Municipal de Coimbra e em Palmela.

Participa na "The second International Contemporary Art Fair", em Londres e no "1º Encontro de Artistas Plásticos da América Latina, Espanha e Portugal", em Israel.

Expõe painéis de azulejos na Galeria São Mamede, em Lisboa e gouaches na Galeria Presença, em Coimbra.

Os Correios de Portugal emitem um selo de sua autoria, comemorativo dos Cinco Séculos do azulejo em Portugal.

1986

Expõe óleos na Galarte – Galeria d'Art Contemporain, em Paris.

Retrospectiva "Obra Gravada" na Câmara Municipal da Covilhã e na Galeria da Câmara Municipal da Chaves.

1987

Retrospectiva "Obra Gravada" na Câmara Municipal da Santarém; na Galeria Municipal da Aveiro e na galeria da UNICRE (Cartão Unibanco), em Lisboa. Expõe óleos e gouaches na Galeria Marumo, em Paris.

Executa um painel a óleo sobre madeira, de grandes dimensões, para a Companhia de Seguros Bonança e em azulejo, a decoração da estação do metro Colégio Militar – Luz, em Lisboa.

Dirige os trabalhos de passagem para azulejos de uma obra de Maria Helena Vieira da Silva para a estação do metro da Cidade Universitária em Lisboa.

Intervenção com azulejos no monumento ao Dr. José R. Toscano Pessoa, da autoria de Lagoa Henriques, Monte da Caparica.

Integra a Comissão de Honra e o júri de Pintura da "I Mostra de Artes e Ideias", promovida pelo Clube Português de Artes e Ideias.

Participa na coleção de "Azulejos do Minho", editada pela Galeria Nazoni.

1988

É agraciado, no Dia de Portugal, com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito, pelo Presidente da República, Dr. Mário Soares.

Expõe óleos e gouaches na Galeria Nazoni, no Porto e gouaches na Galeria Marumo, em Paris. Retrospectiva "Obra Gravada" na Caixa Geral de Depósitos, em Paris e em Reims, França.

Participa, com óleos na ARCO/88, em Madrid e na Feira Internacional de Arte Contemporânea (FIAC 1988), em Paris. Edita "Cargaleiro Desenhos, 1954-1985", com texto de Jorge Guimarães, edição Lello & Irmãos Editores.

1989

É agraciado com a medalha de Ouro do Concelho de Vila Velha de Ródão.

Expõe pintura no Museu da Guarda e na Galeria Raymondin, em Genebra.

Edita "Manuel Cargaleiro – Gouaches e Óleos" e "Manuel Cargaleiro – Tapeçarias", Participa na exposição "Europa dos Ceramistas" em Auzerre.

1990

É criada em 31 de Janeiro a Fundação Manuel Cargaleiro, em Lisboa.

Expõe pintura, desenho e azulejo na Galeria Municipal de Almada; no Museu Municipal Amadeo Souza-Cardoso, em Amarante; no Museu Municipal de Guethary, em França e mostra óleos na Galeria Nazoni, em Lisboa. Participa na BIAF 90 – 2ª, Barcelona International Art Forum.

Executa o painel de cerâmica, de grandes dimensões, do empreendimento Estoril Garden, no Estoril.

1991

É condecorado com a Medalha de Mérito Distrital no âmbito das comemorações do Dia de Portugal, em Setúbal.

Expõe pintura na Galeria Valkaer, em Bruxelas e na Casa da Cultura André Malraux, em Reims. Participa na exposição "Azulejos" integrada na Europa 91, em Bruxelas e na colectiva de pintura na Universidade de Lovaina.

1992

Expõe no Space Carré de la Farine, da Câmara de Versaillais e no Museu Vera, em Saint Germain en Laye, França. Retrospectiva de pintura, 1959-1974, na Galeria Conflarte, Vila Praia de Ancora. É editado o livro "Manuel Cargaleiro, Cerâmicas".

1993

Expõe na Galeria Municipal de Caldas da Rainha, na Galeria Artela, em Lisboa e na Galeria Valkaer em Bruxelas.

1994

É condecorado com a Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Almada. A Escola Secundária do Foguetreiro, no Seixal, passou a chamar-se Escola Secundária Manuel Cargaleiro.

Expõe na Maison des Arts Claude Monet, em Argenteuil; na Galeria Diário Ramos, no Porto; na Galeria Marquês de Tomar, em Lisboa e na Câmara Municipal do Seixal.

Retrospectivas da Obra de Gravura na Câmara Municipal de Chury e da Câmara de Geugnon, em França.

1995

Executa painéis de azulejos da estação de serviço da Shell Portugal, em Gaia; para a Companhia de Seguros Império, em Lisboa; para a área de serviços da A1, em Vila Nova de Gaia e para a estação de metro parisiense Champs Elysées-Clémenceau, em Paris. Ilustra "Os Lusíadas" de Luís de Camões. Integra o júri do VIII Salão de Primavera da Galeria de Arte do Casino Estoril. Retrospectiva da obra de gravura no Institut Franco-Portugais de Lisboa. Expõe pintura na Galeria Neupergama, em Torres Novas.

É editado o livro "Painéis de Azulejo de Manuel Cargaleiro para a Estação Champs Elysées-Clémenceau", pelo Metropolitano de Lisboa, com texto de Margarida Botelho.

1996

Expõe "Grandes Mestres da Pintura", Galeria Ipanema Park Hotel, no Porto e na Casa de Portugal, da Cidade Universitária de Paris.

Expõe "Coleção Mário Soares", Museu do Chiado, em Lisboa.

Expõe "Um Éclat Português: L'Art de L'Azulejo", no Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, Paris. Executa painel de azulejos para a Companhia de Seguros Império, em Paris. Executa para o Metropolitano de Lisboa 100 azulejos, todos peças únicas.

1997

Executa painel de azulejos para a Caixa Geral de Depósitos, em Paris.

Executa 800 azulejos originais para os Laboratórios Roche.

Dirige a execução em azulejos da pintura de Vieira da Silva e Arpad Szenes para a estação de metro do Rato, em Lisboa.

Ilustra o livro "Palimpsesto" de Teresa Vieira.

É editado o livro "Peintures 1957-1997" com texto de Ana Isabel Ribeiro, edição Livros Horizonte. É publicado o livro "Cargaleiro Pintura 1957-1997", Editora Livros Horizonte; e "Manuel Cargaleiro – Obra Gravada" (ACD – Editores), ilustra "Palavras Despidas de Música" de António Sala.

1998

Expõe pintura no Centro de Arte Contemporânea de Macau. Realiza um grande painel de pintura sobre tela para a Fundação Agha Khan, em Lisboa. Edita "Manuel Cargaleiro, Azulejos", (Roche).

1999

É condecorado com a Medalha de Honra do Seixal. Ganha o 1º Grande Prémio Internacional "Viaggio attraverso la Cerâmica" de Vietri Sul Mare, em Itália. Expõe "50 anos de Cerâmica" na Galeria Municipal Artur Bual, na Amadora. Executa dois grandes painéis de azulejos para a Câmara Municipal da Guarda.

Publica "Manuel Cargaleiro – Cerâmica 1950-1999" e "Manuel Cargaleiro – Azulejos", edição ACD-Editores.

2000

Expõe "Obra Gravada" na Galeria de Arte Convento Espírito Santo, em Loulé, e pintura, gouaches e cerâmicas na Galeria Albert Loeb, em Paris. Realiza grandes painéis de azulejos, para o Museu Provincial da Cerâmica Villa Guariglia, de Vietri-sul-Mare em Itália; para a Escola Secundária Manuel Cargaleiro, para o Banco BCP, em Paris e para a área de serviço CEPSA na A8, auto-estrada do Atlântico, em Óbidos.

2001

Participa, com trabalhos em pastel, no Pavilhão dos Antiquários e das Belas-Artes, Jardim das Tulherias, stand da Galeria Albert Loeb, em Paris.

2002

Participa com azulejos na exposição "Masterpiece", Palazzo Brkerhasio, em Turim.

2003

Expõe "Retrospectiva da Obra Gravada – Manuel Cargaleiro" no Centro Cultural da Nazaré; no Convento de S. José em Lagoa e no Museu Municipal em Faro.

São publicados os livros "Cargaleiro – Vietrese" sobre a cerâmica realizada em Vietri-sul-Mare, texto de Enzo Biffi Gentile, Editions Menabò, Salerno; "Manuel Cargaleiro – Obra Gravada, 1957-2003", Catálogo Raisonné, edição ACD-Editores, Lisboa e "Manuel Cargaleiro, Lisbonne – Paris, 1950-2000" de Gilbert Lascault, éditions Palantines.

2004

É criada em Itália a "Fondazione Museo Artistico Industriale Manuel Cargaleiro".

É inaugurado o "Museo Artistico Industriale Manuel Cargaleiro", em Vietri-sul-Mare, na cidade de Salerno, em Itália.

Expõe "Cargaleiro – Obra Gravada", Galeria Municipal, Almeirim e no Museu Municipal, de Oliveira de Frades.

Expõe "Manuel Cargaleiro – A Cerâmica na Arquitectura", no Centro Cultural da Nazaré e na Galeria do Monte Seis Reis, em Estremoz. Executa os azulejos para fonte de Jardim Público, em Castelo Branco.

2005

Inaugura o "Museu Manuel Cargaleiro" em Castelo Branco.

Expõe "Manuel Cargaleiro – Cerâmicas", Galerie Albert Loeb, em Paris. Executa painel cerâmico monumental para Amalfi, em Itália.

2007

Expõe "Manuel Cargaleiro – Sete propostas para a Arquitectura", no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa.

Executa painel de azulejos para o Instituto das Artes, em Salerno, em Itália.

2008

Executa decoração, de grande dimensão, em mosaico, da piscina Rivetti, na Cidade de Biella, em Itália.

2009

Inaugura painel de grandes dimensões realizado para a Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos, encomendado pela Câmara Municipal da Amadora.

Expõe "Cargaleiro – Obra Gravada", no Museu do Som e da Imagem de Vila Real.

2010

Expõe "Obra Gravada" no 25º aniversário da Escola Secundária Manuel Cargaleiro, no Seixal.

2011

Inauguração do novo edifício do Museu Manuel Cargaleiro em Castelo Branco.

Expõe pintura (gouache e óleos) na Galeria Albert Loeb, em Paris.

2012

Expõe cerâmica na Pinacoteca de Salerno e em Ravella em Itália.

Participa na Colectiva na Galeria Valbom em Lisboa.

O Museu

Uma memória para o futuro



Em cima
Junho 2011.
Inauguração do Museu Cargaleiro.
O Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco
Joaquim Morão cumprimenta
o Pintor Manuel Cargaleiro.

Em baixo
O Pintor Manuel Cargaleiro, no Museu, com uma
série de pinturas de pequeno formato da sua autoria.

O Museu Cargaleiro é um equipamento cultural municipal, tutelado pela Câmara Municipal de Castelo Branco, cujo objectivo central é a divulgação, estudo e conservação das peças que integram o acervo da Coleção de Arte da Fundação Manuel Cargaleiro. Um objectivo que se traduz na promoção e organização de exposições temporárias ou de longa duração.

Constituído por dois edifícios contíguos – o Solar dos Cavaleiros, um palacete construído no séc. XVIII, e um edifício contemporâneo – o Museu Cargaleiro situa-se no coração da Zona Histórica da cidade, nas imediações da Praça de Camões, popularmente conhecida como Praça Velha. O Museu Cargaleiro oferece um conjunto de actividades, com destaque para as exposições, as edições, o Serviço Educativo, a Biblioteca de Arte/Centro Documental e a Loja, além de um pequeno anfiteatro ao ar livre, com condições para acolher as mais diversas actividades e espectáculos.

MUSEU CARGALEIRO CASTELO BRANCO

Na página seguinte
Atelier de pintura para crianças.





Informações úteis

Aberto ao público de terça-feira a domingo, o horário de funcionamento prolonga-se das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00. O preço de entrada geral é de 2,00 €.

Os seniores beneficiam de uma redução de 50 por cento no preço do bilhete, enquanto para os portadores de Centro Card a redução é de 25 por cento.

As reduções e descontos de preço, não são acumuláveis.

A entrada é gratuita para os alunos de todos os níveis de ensino e para professores quando em trabalho (acompanhamento de visitas de estudo).

As Escolas podem fazer marcação prévia para realização de visitas acompanhadas ou para actividades no Serviço Educativo através do telefone 272 337 394, ou por mail: museucargaleiro.cb@mail.telepac.pt

Contactos

Museu Cargaleiro
Rua dos Cavaleiros, Nº 23
6000-189 Castelo Branco

Museu Cargaleiro
Solar dos Cavaleiros
39° 49' 30. 26" N
7° 29' 39. 25" O

Museu Cargaleiro
Edifício Contemporâneo
39° 49' 29. 91" N
7° 29' 38. 05" O

Telefone
272 337 394

E-mail
museucargaleiro.cb@mail.telepac.pt

Horário

Terça a Domingo
Das 10h00 às 13h00
Das 14h00 às 18h00

Encerra

Dia de Ano Novo
1 de Janeiro

Domingo de Páscoa

Feriado Municipal
Terceira terça-feira depois do Domingo de Páscoa

Dia da Liberdade
25 de Abril

Dia do Trabalhador
1 de Maio

Natal
25 de Dezembro

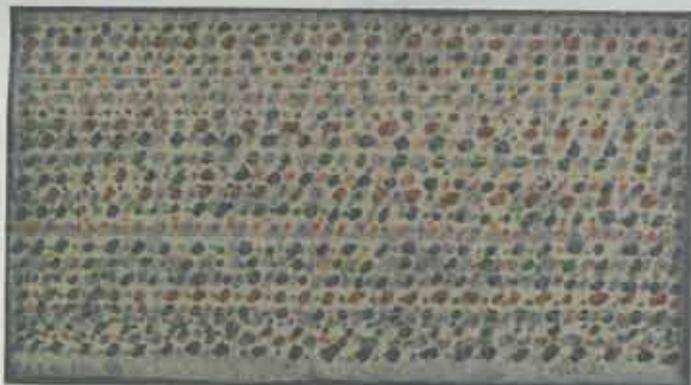


Visita guiada
MUSEU
CARGALEIRO
CASTELO BRANCO



(...)a vibração da cor, intensa e esplendorosa, é a Beira Baixa numa afirmação de esperança contra o nó da solidão e do silêncio(...)

FERNANDO PAULOIRO NEVES



As edições

“Coleções da Fundação Cargaleiro”

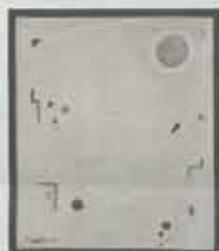
CATALOGO

“Aprender com sentido didáctico”

MANUEL CARGALEIRO

Pintura, cerâmica regional e faiança portuguesas e estrangeiras; têxteis incluindo uma coleção de tecidos “coptas” do século III ao século XI e uma coleção de cerâmicas modernas de artistas portugueses e estrangeiros.

Estão actualmente inventariadas, pela Fundação, cerca de seis mil peças.



Em cima
ZAO WOU-KI (1921-)
S/TÍTULO
1951
Óleo sobre tela
33 x 41 cm
Fundação Manuel Cargaleiro, inv. n.º FMC-C-2082

A meio
NATHALIE GONCHAROVA (1881 - 1962)
S/TÍTULO
Sem data
Óleo sobre tela
55 x 46 cm
Fundação Manuel Cargaleiro, inv. n.º FMC-C-2171

Em baixo
MARCELINO VESPEIRA (1925-2002)
S/TÍTULO
1957
Óleo sobre cartão
25,6 x 33,3 cm
Fundação Manuel Cargaleiro, inv. n.º FMC-C-919

A direita
PABLO PICASSO (1881-1973)
PRATO
Sem data
Edição Madoura, França
Argila com óxido de parafina
Diâm. 43,3 cm
Fundação Manuel Cargaleiro, inv. n.º FMC-C-1162





As edições

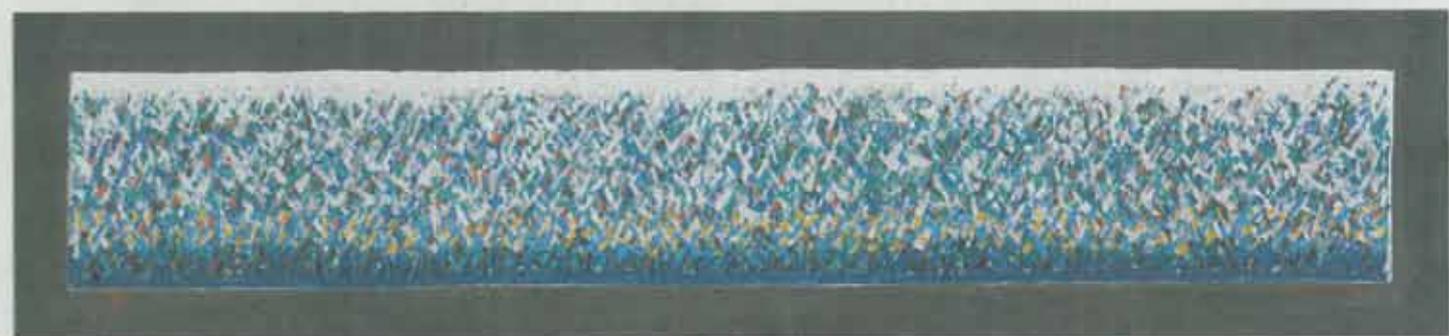
“Vida e Obra”

CATÁLOGO

Uma viagem à descoberta de Manuel Cargaleiro

(...) Volto à memória da conversa em Castelo Branco e à reavistação de um enorme acervo de peças, pintura e cerâmica, para o novo museu, e registo as suas palavras sobre a importância da sua ida para Paris, ou da visita a Itália (cada viagem é sempre um regresso), dos seus contactos com a modernidade, do círculo de afectos que se dilata com nomes maiores da arte (Almada, Eduardo Luís, Botelho, Escada, Cesariny, Cruzeiro Seixas, Resende, Skapinakis, Arpad Szenes, Francis Smith, Nathalie Gontcharova, Sonia Delaunay, Vazarely e muitos outros); da sua amizade com Maria Helena Vieira da Silva, do conhecimento em profundidade de Paul Klee e Kandinsky, essenciais às mutações da pintura como arte contemporânea (...)

FERNANDO PAULO NEVES



Em cima
Composição nr.1
1987
Gouache sobre cartão

Composição nr.2
1987
Gouache sobre cartão

A direita
Prato
1985
Faiença

Jarrá
1960
Faiença

A porta da vizinha que nunca conheci
2009
Óleo sobre madeira

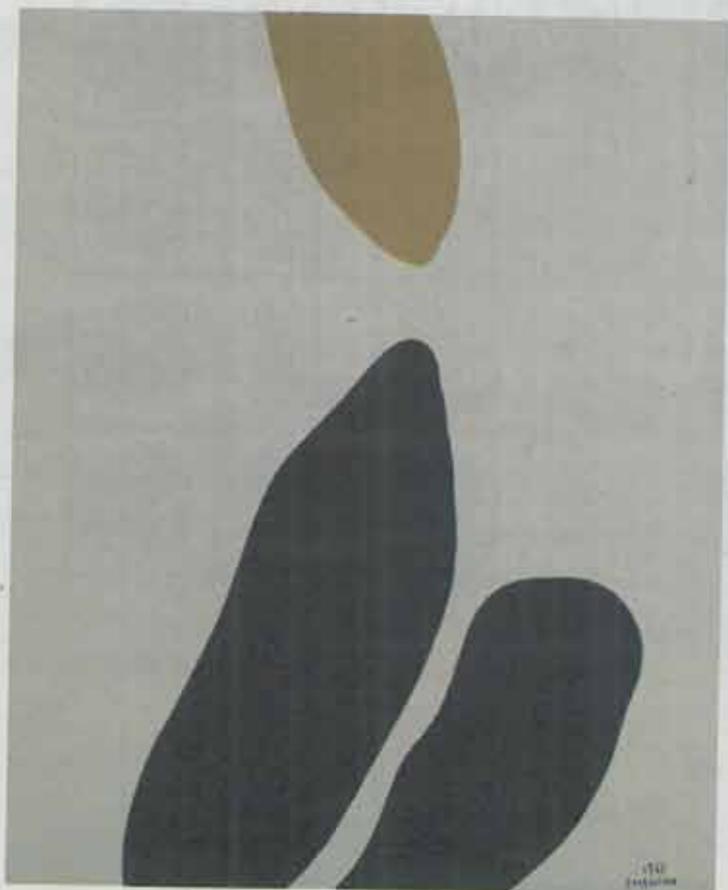
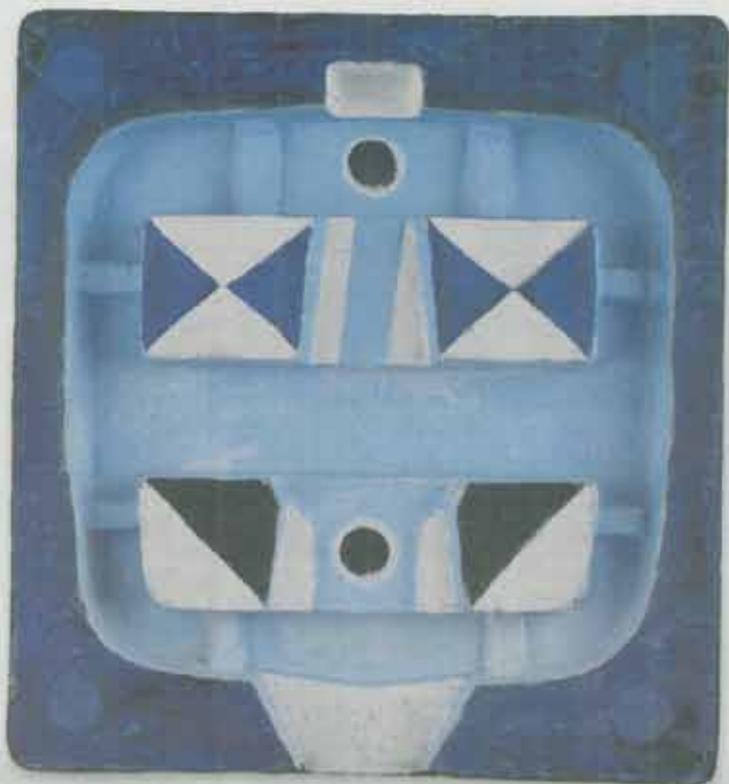
Na página seguinte

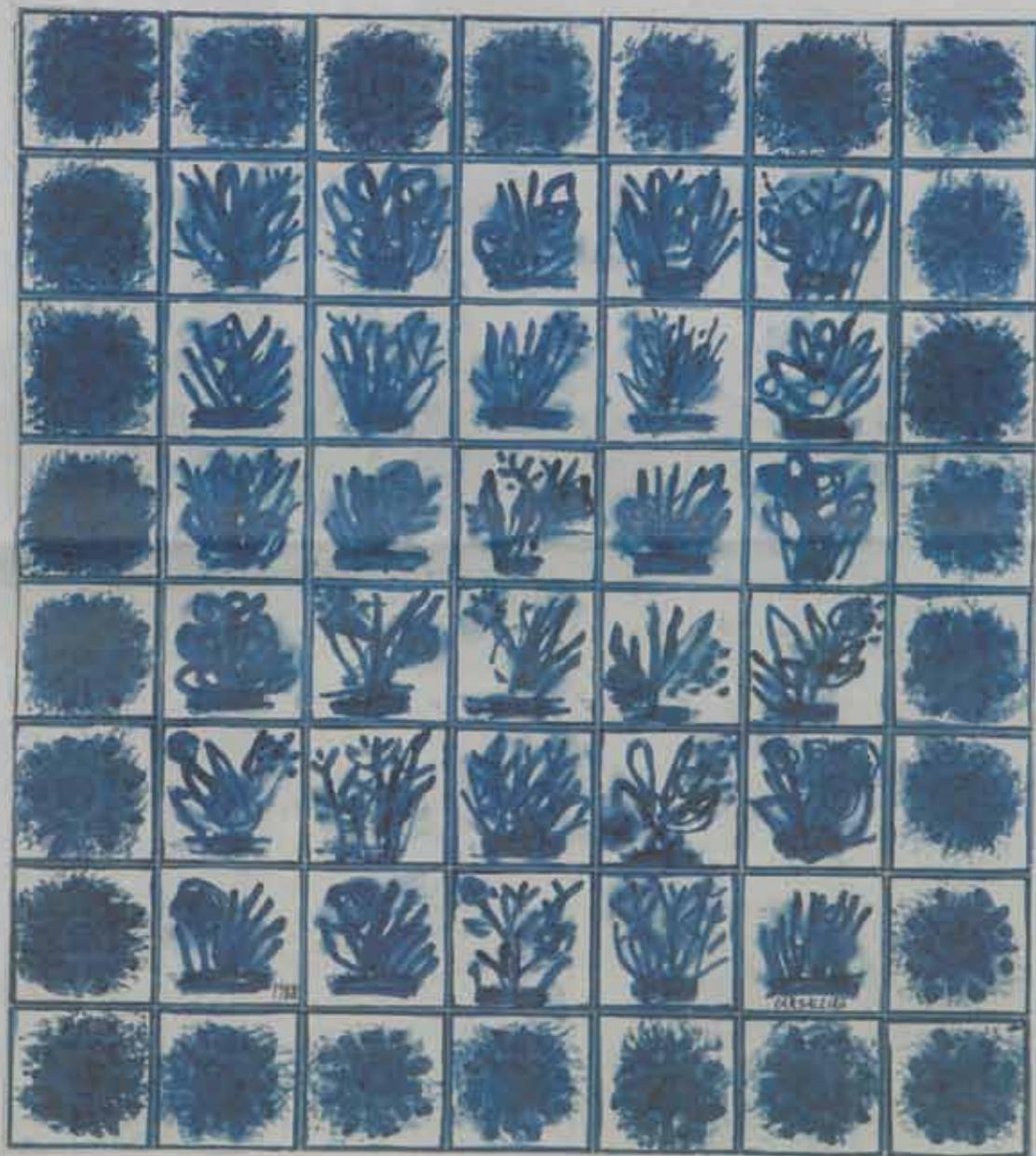
A esquerda
Relevo - composição geométrica
1989
Óleo sobre cartão prensado

S/ título
1977
Óleo sobre tela

A direita
S/ título
1982
Óleo sobre madeira







Herbário
1988
Painel de azulejos

Padrão



CARALEIRO-89

Padrão
1989
Painel de azulejos



As edições

“Ratinhos”

CATALOGO

A cerâmica popular

“Os ratinhos integram uma camada social pobre e desafortunada que buscava o sustento em terras alheias. Oriundos das serranias beirãs, principalmente do distrito de Castelo Branco, os ratinhos deslocavam-se em grupos, camaradas, com destino às ceifas alentejanas. Eram as migrações sazonais.”

FERREIRA, Ivete – *Os Ratinhos, Cerâmica Portuguesa de Cariz Popular*.

A faiança ratinha, pela sua especificidade decorativa, ocupa uma posição particular no âmbito da cerâmica nacional.

Cativante e genuinamente portuguesa, espelha, não só, as difíceis condições sociais das populações rurais do século XIX – o quotidiano duro, agreste e as angústias de uma população migrante – mas também o ultrapassar dessas agruras pela cor, pela alegria e pela sinceridade das representações que revestiam as peças de uso corrente que os ratinhos consigo levavam nas suas deslocações sazonais. Essas peças serviam-lhes, muitas vezes, como moeda de troca por outros bens.

Tal facto, fez com que também ficassem conhecidos por “troca trapos”.

Louça grosselra e rústica, mas autêntica na ingenuidade das suas composições, cativa-nos pelo grau de afectividade que dela irradia.

A faiança ratinha, admirada pela sua singeleza, simplicidade e pelo prazer que confere aos olhos de todos os que para ela sabem olhar, participou em exposições ao longo do século XX e princípios do XXI, fazendo parte, quer de colecções e acervo de diversos museus nacionais e municipais, quer de colecções particulares, entre as quais se inclui a da Fundação Manuel Cargaleiro que agora temos oportunidade de contemplar.

Em baixo da esquerda para a direita
Marca de Adelino Pessoa & Irmãos
(Núcleo Arqueológico de Santa Clara-a-Velha)

Trempo
(Colecção particular)

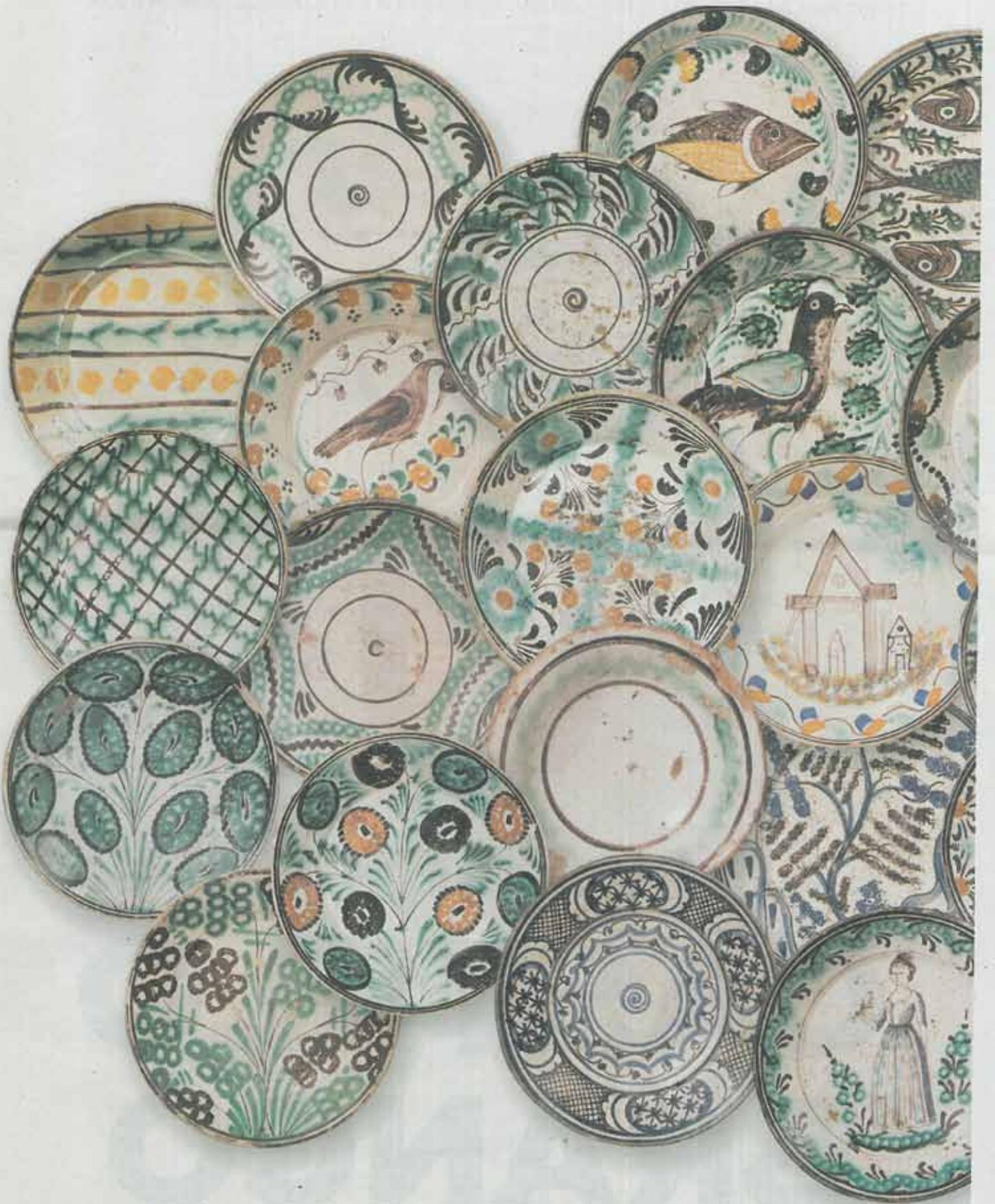
Exemplo de peça com marcas das trempes
(FMC-C325)



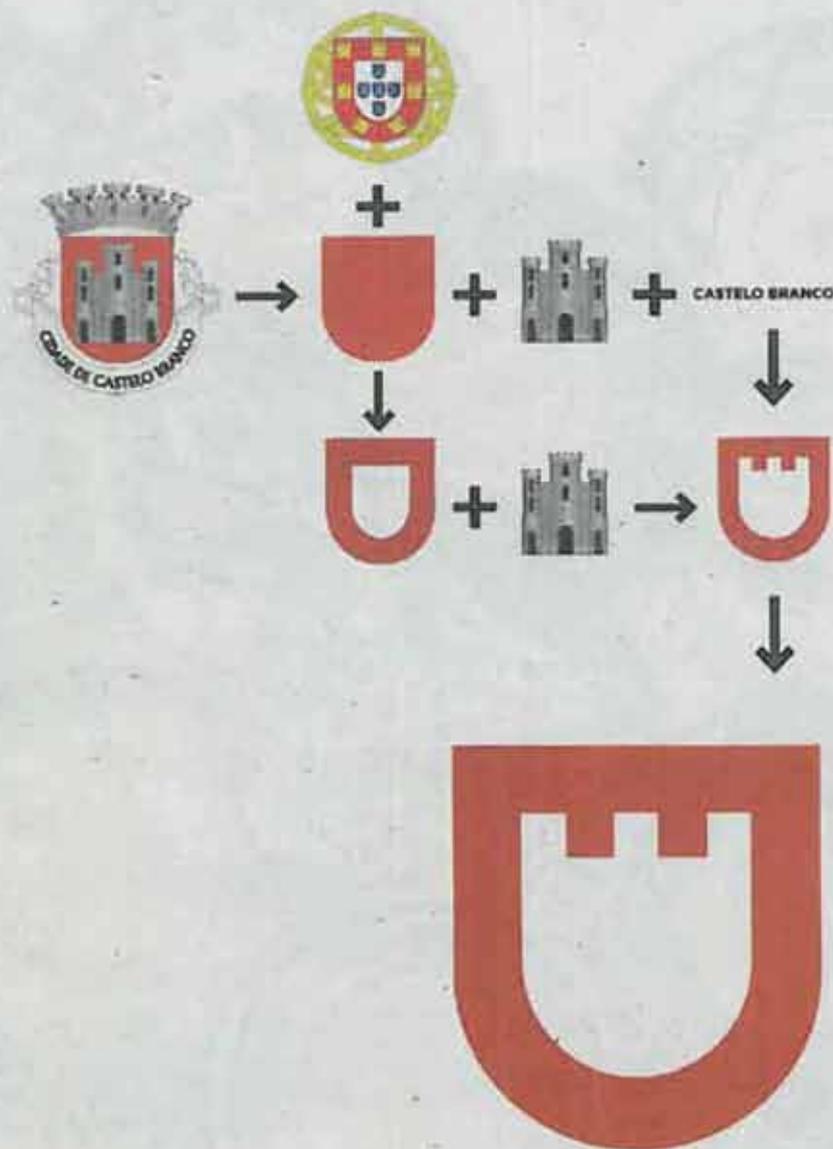
De esquerda para a direita
Peça decorada com senhora com guarda-chuva
(CMVN nr. inv. 353)

Peça decorada com senhora com guarda-chuva
(Colecção João da Bernarda)





ESTA É A NOVA MARCA DE **CASTELO BRANCO**. É DA CIDADE, DO MUNICÍPIO E DE QUEM AQUI VIVE E TRABALHA. É NOVA MAS É O RESULTADO DE UMA EVOLUÇÃO QUE TEM NA BANDEIRA DE PORTUGAL A SUA ORIGEM. VAI PASSAR A VÊ-LA. **AGORA TAMBÉM É SUA**



CÂMARA MUNICIPAL

**CASTELO
BRANCO**